

# Bando Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1929

pelo quintanista do Liceu Martins Sarmiento

Luis Mendes Lopes Cardoso

A' memória dos saudosos Mestres Dr. Manuel de Jesus Pimenta e Dr. Pedro Gonçalves Sanches.

Schitu... Nicolau quer paz! Quer a maior brandura  
Na arte de rufar! Fazê-lo com doçura,  
Com mimo, semelhando a marcha de Chopin...  
E tocado em surdina o hino do pregão,  
Saibamos recordar os bons Mestres antigos  
Que várias gerações tiveram por amigos;  
Mestres que em sua vida, atentos à instrução,  
Ensinaram o bem e honraram a Nação.  
Nas formas ideais, fluidicas, da Verdade,  
Voára a sua alma até à Eternidade  
Irradiando o trabalho, em luminosa esteira,  
Que dir-se-ia o fanal para a nossa canceira  
No decorrer da vida — o vivo cemitério  
Mais negro que a noite a resumbrar mistério!  
Recordêmo-los, pois, na sua Santidade  
Fazendo reviver a dôr duma Saídade.

As sombras colossais, no aspecto scismador,  
Passam diante de nós sem provocar horror.  
Podridão tumular, sinistra, fantasiosa,  
Mas com aroma tal, iguafando o da rosa!  
Matéria a decompor-se, e o vento a levará...  
Matéria que se move e desabrochará  
Em quimera, ilusão, ondulantes, fagueiras...  
Húmus, pús e terriço — as rev'lações ligeiras  
Afogadas em pó; os sonhos de Grandeza  
Desfeitos; — maravilha aberta à Incerteza  
Onde átomos sem fim, raros, interessantes,  
Prenhes de vida são, espelham, flagrantes,  
Este trabalho insano: a lida formidável  
De servir de pospasto ao verme insaciável.

Moços, viva o respeito! É justa a homenagem.  
Curvemo-nos perante êsses Mestres queridos,  
Que imaginamos ver, numa doce miragem,  
Presos à lei da morte e da vida vencidos!

Mas atendei, agora! «Isto é p'ros teus bigodes».  
O' sociedade vil que desdenhar não podes  
Da Guimarães velhinha! Houve certos momentos  
Em que alguns filhos teus, rev'lando maus intentos,  
Viram a bancarrota em suas algibeiras;  
E quiseram provar, mesmo à força de asneiras,  
Que a marcha progressiva, acelerada e forte  
Desta fidalga terra, apresentava um norte,  
Um rumo mui diferente ao que devia ter,  
Com um desvio tal onde fôsse mister.  
Moveu-se o retrocesso, e pondo-se em escala,  
Tudo, tudo parou... Nem sei a que se iguala  
Este torrão querido, arrasado na Treva!  
Já nem de Portugal pode ser a mãe Eva!  
... Totalmente despida, a parra sem verdura,  
E' vê-la saturnal, sem qualquer formosura:  
Cabelo em desalinho, e de olheiras profundas,  
Tendo as unhas das mãos tão sujas, tão imundas,  
Que lembra a colareja impúdica e bacante  
A leiloar o corpo ao primeiro tunante  
Que passe junto a si. Nada há que a enfeite,  
Embora se lhe imponha o tal: «chega-lhe azeite».  
Mas o destino amigo, ao par do que havia,  
Envolveu-a na luz duma nova alegria.  
Chamou-lhe sua qu'rida, e prometeu salvá-la  
Desde que a sua «crença» — incapaz de inflamá-la  
E de a prejudicar, — fôsse a denegação  
Da sua vida má, digna de ter perdão.  
E assim, p'ra lhe arrancar aquele ar primitivo  
Com que se apresentava, inventou o «motivo»  
Do Passado apagar. De forma muito humana,  
Largas dando ao amor que do peito lhe dimana,  
Sem mais aquelas disse a um dos seus vassalos:  
— «Escravo, o teu senhor (porque sofre dos calos)  
Não pode ir à cidade abrir-se ao seu desejo.  
Ordena-te que vás! Tomarás este ensejo  
De entrares na Casa «High-Life», e ali, preguntares  
Quem é o Simão «Córado», e se tu o encontrares,  
Dir-lhe-hás p'ra me mandar, quando tenha ocasião,  
O Zé «Sopas»-barbeiro. Ele é um sabichão  
Que sabe do artigo e conhece da poda,  
Pois é barbeiro *chic*, o enlévo d'alta-roda.  
Depois segues adiante, e irás às «Novidades»  
Por bom preço comprar tôdas as curiosidades  
Que lá tenham à venda. E vais mais ao Pavão  
— Costureiro de Fama — inquirir da razão  
Por quanto confecciona um formoso vestido  
Que a moral não ofenda, e tenha de comprido  
Três palmos, pouco mais.

E alegre, e satisfeito,  
Por tão bem discorrer, com um leve tregeito,

Um calor de brazeiro a tomar-lhe a cabeça,  
Inundou-A de sol, fazendo esta promessa:  
«Vem cá ó meu amor! O que é velho p'ra ti  
Para mim é bem novo, e jámais eu ouví  
Exprimir coisa alguma, inconsistente e vaga,  
Que diga que o amor de repente se apaga  
Sempre perdurará, assucarado e meigo,  
Muito embora de mim queiram fazer um leigo  
Que para amar alguém a pobre alma cedeu...  
¿ Quem sabe quanto tempo a dúvida viveu,  
Sem que a devassidão de todo nela entrasse?  
Depois, nenhum direito a que se renegasse  
Esta grande vontade, a confissão de amor  
Que 'nda há pouco te fiz com todo o meu ardor!  
Já não és Messalina ou a mulher perdida  
De quem se faça pouco! A mulher fementida  
Que viveu no serralho! Hoje tens protecção.  
Basta que o teu cabelo, aparado à «ninin»,  
Dê azo a um chapéu, dos que a moda impõe...  
Ora imagina tu, assim mesmo supõe  
Que bem encadernada, a público virias!?  
Ai, filha! Meu amor! Que vontade terias  
De esquecer o teu nome e dar's também ingresso  
Nessa coisa lib'ral a que chamam Progresso!  
Eu sei que é grande a «cliz» (que ninguém o contesta)  
Mas mesmo sem pensar, ou batendo na testa,  
Distinguirás o rial do que é mero engano:  
¿ Não tens um regimento? ¿ o sexto e sétimo ano?  
¿ O que te importa isso? Eu, se assim o quizeres,  
Ensinar-te-hei a ler e farei «pé d'alferes»...  
Crê que nada me custa ou gera a confusão...  
O amor resolverá tôda e qualquer questão...»

O' monstros da soberba e que sois velhos tontos!  
Ai que bom! ai que bom! Os quatrocentos contos?!  
Guimarães tem dinheiro a rodos, não deseja  
Que os de fora lhe dêem o que não lhes sobeja...

E vós damas gentis, a quem nós mais queremos!  
E' de uso e de costume, e consoante sabemos,  
Romanzas vos cantar e mais nébias d'amor,  
Que sejam gritos d'alma — o dulcificador  
E sab'roso elixir que o Doutor Fausto inventa,  
Muito mais eficaz que a água de Juventa!  
Senhoras, perdoai! A culpa não é nossa.  
Também vós bem sabeis que nunca nos fez mosca  
O dizer-vos a sério o que dentro do peito  
Sentimos. A paixão é o *truc* mais perfeito  
Que o «modernismo» usa afim de traduzir  
Aquele sentimento... alto que no porvir  
Traz só felicidade à despida algibeira  
Que até aí, por ceitil, demonstrava canseira.

Senhoras, perdoai! A culpa não é nossa.  
E agora, isto é p'ra ti (vê bem que não há troça),  
O' sopeira louça, rival das açucenas!  
Eu quereria ter as minhas mãos pequenas,  
Leves como uma pena, a pele assetinada,  
P'ra irem remexer (sem te tornar «magoadá»)  
Os arcanos do peito. Almejava saber  
Se preferes o futrica àquilo que eu te der,  
Isto é, a peneirice à nossa capa preta.  
Vê lá, não sejas tola! Eles têm boa treta  
P'ra vos levar no conto. As meias que t'ofrecem  
Pagam-nas os patrões. Ai, se eles o soubessem  
Que *tratos de polê* por aí se veriam!...  
Muitas contas a dar, decerto, eles teriam!  
Ao contrário, cá nós, que somos uns doutores  
Em doenças de peito, autênticos condores  
Que os «Andes» da ciência, em vôo, ultrapassamos,  
Se nos tendes amor, p'la «perna» o avaliamos.  
Deixai, deixai falar... Um amor «puxavante»,  
Que vos entusiasme, é só o do 'studante!

Amigos, atenção! Acabe-se a «laracha»  
E tôda a demais treta. Hav'rá quem nos escacha  
Se tentarmos deitar os cornoinhos de fora...  
Aqui, só Nicolau é o «santo» que se adora...  
Tratemos de escapar a um voraz tuíão,  
De novo entoando o hino do pregão!  
O' mocidade louca! ó dóida mocidade!  
Abafemos dum rufo o rumor da cidade!

L. Coelho.